



Francisco Simões
Investigador Auxiliar ISCTE

Sociedade civil açoriana: boa vontade não chega

Mudança. Há muitas formas de adiá-la ou impedi-la. Uma das mais comuns é a chamada fórmula mágica. Aplicada de uma forma intencional, a mesma consiste em estabelecer uma solução única para resolver um problema complexo. Essa maneira de enfrentar determinados impasses ou desafios é, hoje por hoje, demasiadamente popular. Acaba-se com a corrupção prendendo todos os corruptos. Aumentam-se os rendimentos reduzindo os impostos ao mínimo. Basta contratar mais médicos e enfermeiros para ultrapassar a deficiente resposta dos hospitais e centros de saúde. As soluções simples, além de desgarradas da realidade, acabam por gerar outros problemas, uns mais ou menos previsíveis, outros que poderiam ter sido previstos.

Apregoar uma ambição desmedida é outra forma retardar a mudança.

Neste caso, a estratégia adotada para um dado problema passa por estabelecer metas irrealistas, seja pela sua dimensão, seja pelo prazo estipulado para atingi-las. Por vezes, as aspirações excessivas são justificadas com pareceres técnicos, bem fundamentados estatisticamente, mas pouco informados sobre o quotidiano das populações. Se os tempos atuais pedem ambição e rasgo, o seu uso em demasia causa danos irreparáveis. Aliás, muito do descontentamento vigente nas sociedades ocidentais e (ainda) ditas democráticas, resulta da sensação generalizada, embora nem sempre real, de terem ficado promessas importantes por cumprir.

Por fim, a mudança pode ser bloqueada pelo desânimo. Há consciência das transformações a operar, mas considera-se que o contexto é desfavorável, os meios reduzidos e os atores incompetentes. Sendo assim, mais vale estar quieto e deixar rolar.

A sociedade civil tem o poder e condição de despoletar e regular processos de mudança, sobretudo evitando os caminhos que a protelam ou desvirtuam. Num debate recente sobre o papel da educação no futuro dos Açores, na livraria Lar Doce Livro, em Angra do Heroísmo, em que tive o prazer de participar, não fiquei mais otimista quanto a essa capacidade, na região.

O voluntarismo é ideal para acudir a emergências e catástrofes, mas manifestamente insuficiente para transformar as sociedades.

Entre a perspectiva da escola pronto-socorro, que resolverá todos os bloqueios sociais, começando pela pobreza, e o descrédito total no seu papel enquanto mecanismo essencial da va-

lorização das sociedades, circularam variadíssimas ideias. Essa partilha é, só por si, saudável, considerando a frágil massa crítica açoriana e talvez precise de amadurecimento. Mantendo-se, no entanto, a ausência de doses moderadas de pragmatismo, com uma ponderação do nosso ponto de partida no domínio educativo, dos recursos existentes e das suas possibilidades, bem como do verdadeiro potencial da educação na produção de mudanças – porque nem tudo depende dela – no fim do dia, ficaremos demasiado entregues à boa vontade. O voluntarismo é ideal para acudir a emergências e catástrofes, mas manifestamente insuficiente para transformar as sociedades. ■